



Rebeldes na imprensa: censura, imprensa alternativa e contracultura¹

Bruno Delecave de Amorim²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho visa entender a divulgação da contracultura na imprensa alternativa. A partir do mapa desenhado por Kucinski e do contato direto com publicações de época, além de entrevistas e depoimentos, foi possível focar, dentro do universo que compõe a imprensa alternativa brasileira, as publicações ligadas à contracultura. Assim, o valor deste trabalho é preservar experiências e memórias de uma época importante para o jornalismo do Brasil, principalmente pela ousadia e coragem dos jornalistas de então.

Palavras-chave

Imprensa alternativa; contracultura; micropolítica.

Contexto histórico

O período dos anos 70 é marcado pela consolidação da *Industria Cultural* no Brasil e a lógica da procura de lucro tornou-se vigente com esta consolidação. A Rede Globo torna viável um projeto de integração nacional através da televisão. Novas tecnologias transformam o jornalismo impresso, o mercado editorial e o cinema. Os produtos finais dessas indústrias ganharam ótimos acabamentos, antes só encontrados nos exemplares importados. A classe média gozava com os vários produtos modernos e *bens simbólicos* tornados acessíveis pela prosperidade econômica, embarcando na onda do consumismo. Este é o período das conquistas do regime militar, que legitimou o autoritarismo com progresso.

Se o regime militar trouxe progresso, foi a duras custas. Pois, desde o A.I.5, em 1968, foi instaurada a *censura* em nosso país. A repressão política fechou partidos políticos, empastelou jornais além de prender, torturar e até matar vários militantes. Ser produtor de cultura nesta época não era nada fácil e até mesmo arriscado. Muitos foram

¹ Trabalho apresentado à categoria jornalismo, do EXPOCOM Sudeste 2007 – Mostra Experimental em Comunicação do Sudeste, em Juiz de Fora.

² Estudante de Comunicação Social da PUC-Rio.

Participa do projeto de pesquisa “Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo” como aluno-voluntário do PIBIC.

Trabalhou no jornal *O Pasquim 21*, como estagiário, no período de março de 2002 a junho de 2003.

Endereço eletrônico: delecave@gmail.com



exilados, mas outros tiveram destinos mais cruéis, como foi o caso do cantor Geraldo Vandré, que ficou para sempre aleijado depois de passar por torturas. A indústria cultural abriu suas portas para alguns e destes era exigida a submissão à censura, praticando assim, uma autocensura.

Um sistema tão repressivo era fadado a encontrar alguma resistência. A luta armada foi uma forma violenta de resistir que conseguiu atrair jovens para a vida na clandestinidade. No campo da cultura essa resistência se dava em recusar a nova indústria cultural, símbolo do progresso conquistado pelo regime autoritário. Inspirados nos *movimentos contraculturais*, ocorridos principalmente nos Estados Unidos durante os anos 60, alguns produtores culturais encontraram a saída para produzir sem atrelar-se à indústria cultural nos *mercados alternativos*. Escolhendo produzir de forma artesanal para segmentos específicos, mas limitados, da população.

Imprensa e contracultura no Brasil

A maior divulgação da contracultura feita no Brasil era na coluna de Luiz Carlos Maciel chamada *Underground* e publicada no jornal *Pasquim*, principalmente por que, no início da publicação, toda a juventude lia o tablóide. A partir de 79, o público principal passou a ser de profissionais liberais com pelo menos 35 anos³. Foi um dos mais lembrados da imprensa alternativa e também um o que mais durou. Maciel, que, a contragosto⁴, foi considerado o “guru” da contracultura brasileira, foi um dos editores de mais uma publicação da imprensa alternativa, a *Flor do Mal*. Este, ao contrário do *Pasquim* que resistiu até o número 1072⁵, só teve cinco edições e tinha como lema “a liberdade da loucura de cada um”⁶, na definição de seu fundador. O título era inspirado pelo poeta Charles Baudelaire⁷ e teria sido uma idéia do poeta Torquato Neto. O primeiro número do *Flor do Mal*, que quase foi censurado, tinha uma sinistra frase de Baudelaire sobre a imprensa e a foto de uma menina anônima⁸:

³ Estas informações fazem parte da pesquisa que foi realizada por uma equipe da qual participei, no período em que trabalhei, como estagiário, no jornal *O Pasquim 21*.

⁴ MACIEL, Luiz Carlos (1996).

⁵ JAGUAR e AUGUSTO, Sérgio (org.) (2006).

⁶ COELHO, Andréa (2005).

⁷ MACIEL, Luiz Carlos. Op. cit.

⁸ A seguinte reprodução é da capa da primeira edição de *Flor do Mal*. Arquivo do professor Marcos Dantas, da PUC-Rio.



O *Flor do Mal* foi muito bem considerado nos círculos da contracultura, especialmente os mais radicais; e, admito, muitíssimo mal considerado fora desses círculos. O elogio ao *Flor* de que tive notícia e que mais me tocou foi do Hélio Oiticica, para quem este era o único jornal não-machista da imprensa brasileira. Em careta contrapartida, porém um psiquiatra chegou pra mim e disse:

- Esse seu jornalzinho aí é igualzinho ao que os malucos da minha clínica fazem como terapia.

Não me ofendi nem um pouco. Realmente, *Flor do Mal* era um jornal bem louco.⁹

Entre os cerca de 150 periódicos que circularam entre 1964 e 1980 e ficaram conhecidos como imprensa alternativa¹⁰, *Flor do Mal*, *Presença*, *Rolling Stone* e *Bondinho* eram os principais divulgadores das alternativas de vida criadas pela contracultura no exterior e aqui no Brasil. *Presença* só chegou ao segundo número e seu tema principal eram as viagens a lugares exóticos, divulgando assim a tendência pelo Orientalismo, tão presente na contracultura. *Rolling Stone*, basicamente uma tradução da revista homônima norte-americana, era editada por Maciel. O primeiro número saiu em 1972, saudando a volta de Caetano ao Rio de Janeiro¹¹. O tema geral da revista, portanto, era rock'n roll, essa expressão da cultura de massa daquilo tudo que foi a rebeldia dos jovens dos Estados Unidos da América. Além disso, foi “um dos primeiros

⁹ MACIEL, Luis Carlos. Op. cit.

¹⁰ COELHO, Andréa. Op. cit.

¹¹ MACIEL, Luiz Carlos. Op. cit.

espaços a tratar de assuntos como ecologia, macrobiótica e libertação feminina”¹². *Bondinho*, que começou como um jornal de serviços do grupo Pão de Açúcar, aos poucos adotou uma linha editorial alinhada à contracultura. Liberou-se tanto dessa relação comercial que, após um contato com Caetano e Gil por ocasião do retorno deles do exílio e de uma edição dedicada aos dois novos baianos, adotou, segundo Kucinski¹³, a filosofia do *transbunde*: libertação geral. A semelhança entre *transbunde* e *desbunde* vai além da sonora, é claro¹⁴. Vamos nos deter um pouco mais no *Bondinho*, pois é, sem dúvida, um dos melhores exemplos de jornal contracultural que tivemos no Brasil. O projeto visual era muito ousado para a época, além de colorido e muito bem acabado, mantendo-se avançado até para os padrões atuais, conforme podemos observar nas duas capas abaixo¹⁵:



As entrevistas, em geral com ícones da contracultura, eram publicadas na íntegra, sem cortes. Passaram por suas páginas quase todos os tropicalistas, políticos e médicos alternativos, como Jerry Rubin, o fundador do Yippie (ou partido internacional da juventude), o terapeuta corporal Dr. José Ângelo Gaiarsa e médicos alternativos da clínica livre de *Ashbury Height* (Bairro Hippie em São Francisco), feministas, como

¹² COELHO, Andréa (2005:14).

¹³ KUCINSKI, Bernardo (1991).

¹⁴ A relação entre *transbunde* e *desbunde* é estreita e pontual em se tratando da divulgação da contracultura no Brasil, pois *desbunde* é um termo criado para identificar a maioria das pessoas alternativas.

¹⁵ As reproduções são das capas das edições de 17 a 30/3 e 31/3 a 13/4 de 1972.



Simone de Beauvoir e Rose Marie Muraro, e artistas, como Gal Costa, Caetano Veloso, Gilberto Gil, José Celso Martinez, Rogério Duprat, Jorge Mautner e Luis Carlos Maciel¹⁶. Até Roszak, autor tão importante para esta pesquisa, era anunciado com um dos melhores livros teóricos sobre a contracultura. Para completar, esoterismo —na edição de 17 a 30/3 de 1972 —, por exemplo, havia um curso prático de quiromancia, vida comunal e uma seção de cartas realmente desbundada, com direito a pessoas procurando parceiros para diferentes transas, especificando apenas o signo zodiacal de preferência.

Censura, repressão e imprensa contracultural

A censura, a partir de 68, impedia a grande imprensa de tratar de muitos assuntos. Isto criou um espaço para a imprensa alternativa crescer e dentro dela que ocorreu boa parte da divulgação da contracultura. Segundo Maciel¹⁷, a relação entre um poder totalitário e o desenvolvimento da contracultura vai mais além do que impulsionar a produção contracultural para um mercado alternativo:

A Guerra do Vietnã foi fundamental para a gestação da contracultura americana. E no Brasil, a ditadura militar foi fundamental para a gestação da contracultura brasileira. Ela passou a ser uma opção para aqueles jovens que estavam indignados, eram contra a ditadura e tudo mais, mas com instintos mais pacifistas, sem disposição para pegar em armas. Achavam que a solução de partir para guerra era violenta demais para suas sensibilidades delicadas. Preferiam fumar maconha a dar tiros.

Jimi Hendrix e Janis Joplin eram figuras habituais da coluna *Underground*, tanto que, na edição de número 67, de outubro de 1970, Maciel comparou ao Apocalipse as mortes, num espaço de apenas 15 dias, das mortes daquelas duas estrelas cadentes no firmamento do Rock. Para logo depois criticar a grande imprensa por acusar a *causa mortis* como sendo o abuso de drogas, mesmo antes de se saber realmente as causas das mortes de Hendrix e Joplin. Maciel não chegou a ponto de fazer uma apologia das drogas, apenas se indignava com o fato, muito mal divulgado, de que Jimi Hendrix não morreu pelo abuso das variadas drogas ilegais que costumava usar, mas por uso de

¹⁶ *Bondinho* – Coleção completa.

¹⁷ Entrevista concedida a Dorigatti (23/09/2005).

barbitúricos, uma droga perfeitamente legal e burguesa. Abaixo, reproduzimos a coluna escrita por Maciel após a morte de Joplin¹⁸:



Logo depois desta coluna ser publicada, Maciel foi preso, junto com Ziraldo, Francis e outros da redação. “No dia 1º de novembro de 1970, com o número 72 já na gráfica, Cabral e Fortuna estavam (...) no interior do Estado do Rio, quando foram avisados...”¹⁹. Ficaram dois meses presos e nunca souberam o motivo da prisão. Por esta estória pode-se perceber o grau de dificuldade de se fazer um jornal alternativo naquela época no Brasil, muito mais difícil do que, por exemplo, editar lá nos E.U.A. quadrinhos *underground* como *Zap Comics* ou *Freak Brothers*. Foi só depois desta prisão “guru” da contracultura fundou, junto com Torquato Neto, Tite de Lemos e Rogério Duarte, o jornal *Flor do Mal*. Ou seja, os dois meses de prisão não quebraram a verve contracultural de Maciel, ao contrário, pois, como já foi explicado, depois de *Flor do Mal* acabar ele ainda editou a revista *Rolling Stone* tentou, embora sem sucesso, fundar

¹⁸ JAGUAR e AUGUSTO, Sérgio. Op. cit.

¹⁹ AUGUSTO, Sérgio. Op. cit.



o jornal *Kaos*, com a participação de outros dois ícones da contracultura brasileira, o músico Caetano Veloso e poeta Jorge Mautner. Este último, segundo Maciel, “já era um veterano do desbunde, pois vinha do tempo da *beat generation*, acho que foi o primeiro *beatnik* brasileiro, quando escreveu seu primeiro livro, *Deus da chuva e da morte*”²⁰.

Um fim e novos começos

Desde o A.I. 5, em 1968, a censura se abatia duramente sobre a grande imprensa. Era proibido noticiar muitas matérias e em muitos jornais havia censores na redação. Até listas com relações das notícias proibidas eram entregues costumeiramente nas redações. Se isto não bastasse, o Jornal Nacional em rede cumpria o papel de informar a população sobre os fatos mais importantes. Com todos estes fatores não é de se estranhar uma necessidade por veículos de imprensa alternativa, capazes de publicar o que não podia sair na grande imprensa.

Existiram muitos periódicos entre o final dos anos 60 e o início dos 80. Segundo COELHO (2005), foram cerca de cento e cinquenta diferentes publicações que abordavam diferentes assuntos, mas tinham em comum um discurso impossível para a grande imprensa de então. Estas publicações eram quase sempre no formato tablóide, um pouco menor em relação aos jornais da grande imprensa, e tinham grande público. O sucesso editorial era responsável por manter o funcionamento e era a maior fonte de renda. Os anunciantes eram reprimidos pela repressão, algumas vezes diretamente, e estes fugiam da imprensa alternativa.

As tentativas da ditadura de acabar com a imprensa alternativa num primeiro momento não deram certo e esta se firmou num mercado alternativo. Apesar das dificuldades de produzir sem saber se vai haver recolhimento dos exemplares nas bancas, muitas publicações floresceram e, com coragem, conseguiram publicar muitas notícias que a ditadura preferia manter sem espaço. A morte do jornalista Vladimir Herzog foi um destes casos, noticiada apenas pelo semanário *ex-16*. Conforme, a reprodução da primeira página²¹:

²⁰ MACIEL, Luiz Carlos. Op. cit.

²¹ Reprodução da primeira página da edição de novembro de 1975 do jornal *ex-16*.



Outros veículos capazes de burlar a censura e informar, além de poder mostrar opiniões, foram *Opinião* e *Movimento*. O primeiro começou em 1972, teve 230 edições e venderam 40 mil exemplares de apenas uma edição. O segundo começou três anos depois e durou até 23 de novembro de 1981. O fim deste jornal e de grande parte da imprensa alternativa está no início dos anos 80. COELHO (2005) atribui o começo desta ruína a uma série de explosões de bombas em bancas de jornal, pois, sem jornalheiros dispostos a vender veículos da imprensa alternativa por temer contra a própria vida, esta então não pôde, mas resistir e, finalmente, acabou.

Dentre todas as publicações feitas neste período uma se destacou por sua singularidade. *O Pasquim* começou, sem muito alarde, em 26 de junho de 1969, como se fosse só mais uma brincadeira da turma de Ipanema. Foi um sucesso tremendo e alguns de seus números superaram a marca de 200 mil exemplares, isso era mais do que vendiam os jornais da grande imprensa. Além de ter sido o tablóide alternativo com maior duração. Os militares odiavam e só liberavam a venda depois de rigorosa censura. Segundo JAGUAR e AUGUSTO (2006), era necessário para conseguir passar 80% de um jornal pela censura, enviar 230%. A maior parte nunca veria as gráficas. Alguns números foram recolhidos e a maior parte da redação ficou dois meses presa, sem nunca



receber uma explicação. Como muitos outros periódicos da imprensa alternativa, *O Pasquim* também não resistiu e sucumbiu. Um de seus membros, Ziraldo, tentou ressuscitá-lo em 2001 com o nome de *O Pasquim 21*; porém, não foi bem sucedido e o jornal acabou em 2003 por problemas financeiros, deixando, além de fã, dívidas.

A contracultura brasileira foi uma forma de resistência ao regime militar, mas, principalmente, resistia à lógica cruel da indústria cultural. Exatamente no momento de consolidação desta indústria de bens simbólicos no Brasil, grupos de pessoas se juntavam para tentar uma alternativa para a cultura, fora da lógica mercadológica imposta por uma indústria também responsável por aprofundar a integração nacional. Isto mostra uma capacidade crítica de nossa nação, nós não simplesmente engolimos novos modelos culturais, mas conseguimos construir alternativas viáveis, ao menos por algum tempo.

Mesmo depois da série de explosão de bancas de jornal, a imprensa alternativa continuou. A prova disso é o jornal mensal *Luta & Prazer*. Este jornal não é mencionado por KUCINSKI (1991) ou COELHO (2005), mas tem sua trajetória desenhada por AGUIAR (2006). Assim como tantas outras publicações voltadas para temas alternativos, a duração desta não foi longa. Foram publicadas 18 edições de *Luta & Prazer*, sendo a primeira de agosto de 1981 e a última de maio de 1983. A estrutura, porém, impressiona: distribuição nacional, três redações – Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte – e correspondentes em várias cidades do Brasil. Portanto, apesar dos temas alternativos, a produção era profissional. Com 35 mil exemplares, o primeiro número trazia a epígrafe “este jornal traz o novo, a vida. Experimente” e a manchete “Como a esquerda vai para a cama?”²²:

²² Reprodução da capa da primeira edição do periódico *Luta & Prazer*. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.



Ao aprofundar-se, não só neste, mas em todas as edições, é possível perceber uma linha editorial voltada para a micropolítica, ou “política do cotidiano”. Além de variadas práticas alternativas, ao longo de suas 18 edições, o jornal apresenta uma série de temas malditos, tais como drogas e bissexualismo. Ao escolher a contra-mão dos valores dominantes, opta-se por “uma recusa que visa construir novos modos de sensibilidade e criatividade, produtores de uma subjetividade singular” (AGUIAR, 2006).

Conclusão

Construir um futuro começa com a experiência adquirida com o passado e, portanto, mesmo a história de um movimento restrito, como foi a contracultura brasileira, pode nos ser muito útil. As variadas expressões contraculturais no Brasil e principalmente, as jornalísticas mostram a capacidade de uma pluralidade de discursos se fazerem viáveis, apesar de todas as adversidades. Afirmação esta que se dá concomitantemente com a afirmação da indústria cultural em nosso país. As soluções da



contracultura esbanjavam criatividade e só se tornaram viáveis graças à grande dedicação e coragem de seus realizadores. Esta é a maior lição que podemos recolher daqueles momentos.

As inovações do jornalismo contracultural, principalmente as visuais e gráficas, foram incorporadas pelos cadernos de cultura da grande imprensa. Sem a censura, os grandes jornais passaram a ocupar os espaços antes ocupados pela imprensa alternativa, que não ressurgiu. A contracultura brasileira deixou marcas na cultura nacional e alguns dos bens simbólicos produzidos por seus membros continuam a ser consumidos.

Hoje, apenas a revista *Caros Amigos* mantêm a chama do jornalismo alternativo acesa. Mas para muitos, como Luiz Carlos Maciel, uma imprensa alternativa hoje ainda é possível, principalmente, com a ajuda das tecnologias da Internet. “Ela divulga, comunica, transmite. Para você desenvolver alguma coisa, não é lá dentro. Você usa para espalhar, uma vantagem que existe hoje e não existia na época²³”.

Realmente existe muito material referente à contracultura na Internet. O sítio de relacionamentos *Orkut*, muito popular no Brasil, apresenta inúmeras comunidades virtuais dedicadas a divulgar e discutir a contracultura e seus variados ícones. Algumas destas comunidades possuem mais de 70.000 membros. *Blogs* e *Fotologs* pessoais, em menor escala, também fazem essa divulgação. O próspero casamento entre a rede mundial dos computadores e a contracultura é facilmente explicada pela tendência de ambas em “fazer você mesmo”. Isto é, a máxima hippie do “faça você mesmo” não difere tanto do que é apontado como o futuro da Internet: a *Web 2.0*, a mídia produzida pelo próprio consumidor e capaz de render nada menos do que US\$ 1,2 bilhões para os criadores do sítio *You Tube*, comprado pela a empresa *Google*.

Talvez uma absorção pela indústria cultural possa desvirtuar a essência de um movimento. Muitos autores estudados que o movimento alternativo encerrou seu ciclo histórico, por conta da comercialização dos valores contraculturais tão comum na atualidade. Entretanto, a absorção é, além de inevitável, perfeitamente esperável e muito normal. Foi exatamente esta a afirmação de Jorge Mautner, poeta da contracultura. Já em 1972 ele disse, em uma entrevista para o jornal *Bondinho*²⁴, ser uma reforma cultural a inserção da contracultura na cultura dominante, trazendo, assim, a atenção não para as

²³ *Apud* DORIGATTI, Bruno (23/09/2005).

²⁴ *Bondinho* edição de 31/3 a 13/4 de 1972.



derrotas, mas para as vitórias deste movimento. Quem explica é o próprio Mautner: “Se é inevitável essa absorção, vamos então fazer com que essa absorção seja feita de modo a talvez preservar o que seja, o que mereça ser preservado, o que é a essência da coisa”²⁵.

²⁵ Idem.



Referências bibliográficas

- AGUIAR, Leonel. *Imprensa alternativa, contracultura e produção de subjetividade*. In: Congresso Nacional de História da Mídia-Rede Alfredo de Carvalho, IV, 2006, São Luís, Anais do Congresso Nacional de História da Mídia-Rede Alfredo de Carvalho. Disponível em <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd4.htm>. Acesso em: 12/02/2007.
- BAHIANA, Ana Maria (2006). *Almanaque anos 70 – Lembranças e curiosidades de uma década muito doída*, Rio de Janeiro: Ediouro.
- COELHO, Andréa (2005). *Imprensa alternativa – Apogeu, queda e novos caminhos*, Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro.
- DORIGATTI, Bruno (23/09/2005). *Entrevista a Luiz Carlos Maciel*. Portal Literal. Disponível em <http://portalliteral.terra.com.br>. Acesso em: 23/04/2006.
- JAGUAR e AUGUSTO, Sérgio (org.) (2006). *O melhor do Pasquim*, Rio de Janeiro: Desiderata.
- KUCINSKI, Bernardo (1991). *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa*, São Paulo: EDUSP.
- MACIEL, Luiz Carlos (1996). *Geração em transe – Memórias do tempo do tropicalismo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MARCUSE, Herbert (1968[1966]). *Eros e civilização – Uma crítica filosófica ao pensamento de Freud*, Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- PEREIRA, Carlos Alberto M. (1986). *O que é Contracultura*, São Paulo: Brasiliense.
- ROSZAK, Theodore (1972 [1969]). *A Contracultura – Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*, Petrópolis: Vozes.